

 #10
alagunas





As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais.
Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no
todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição,
preservando a fonte e o nome do autor.

revista@alagunas.com 

www.alagunas.com 

/revistaalagunas 

alagunas_ 

revistaalagunas 

Abril
2017
Ano III

MO
IN#10
HO



Editor

Geovanne Otavio Ursulino

Editores adjuntos

Jarisson Albuquerque

Mácllen Luan

Paulo César Moreira

Conselho Editorial

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Patricia Laura Figueiredo

Autores

Adson Ney Amorim

Alberto Lins Caldas

Allen Ginsberg

Bárbara Bento

Carla Andressa

Catia Cernov

Eliaquim Timóteo da Cunha

Fátima Costa

Gabriel Folena

Grasiela Fragoso

Gabriele Rosa

Geovanne Otavio Ursulino

Gustavo Petter

Henrique pitt

Iriwelton Caetano

J. B. Ownolson

Jean Albuquerque

Jhonata Lucena

Karen Pimentel

Lauro Heinsenbauer

Luís Perdiz

Luna Salazar

Mariana Rodrigues

Mateus Magalhães

Pat Lau

Raquel Gaio

Taís Naves

Tito Leite

Wagner Perrotta Cunha

Quando nisso iam, descobriram trinta ou quarenta moinhos de vento, que há naquele campo. Assim que Dom Quixote os viu, disse para o escudeiro: - A aventura vai encaminhando os nossos negócios melhor do que o soubemos desejar; porque, vês ali, amigo Sancho Pança, onde se descobrem trinta ou mais desaforados dragões, com quem penso fazer batalha, e tirar-lhes a todos as vidas, e com cujos despojos começaremos a enriquecer; que esta é boa guerra e bom serviço faz a Deus quem tira tão má raça da face da terra.

A loucura atribuída a Dom Quixote, o grande personagem de Cervantes, está baseada em sua capacidade de fantasiar num mundo que perdeu o fantástico. Amante incondicional de histórias de cavalaria, leu tudo o que pode encontrar sobre o tema, até que *socou o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízo.*

Tolkien, conhecido como o “mestre da fantasia”, associa a popularização dos “contos de fada” às grandes invasões europeias ao redor do mundo. Ao atravessar os mares, ao chegar no “Novo Mundo”: não encontraram monstros, ou gigantes, ou reinos perdidos feitos de ouro. A magia, que atravessou o medievo inteiro, foi quebrada. Assim, a fantasia acabou recebendo uma outra atribuição: ilustrar o Real por meio da fábula.

Alagunas #10: Moinho, publicada em 30 de abril de 2017, tem em sua capa a ilustração de Alexandre Dumas à famosa passagem de Dom Quixote enfrentando imensos dragões (moinhos de vento). E busca enxergar para além, assimilando a *loucura* da personagem, como forma de atingir a clareza do Real.

À memória de Antônio Carlos Gomes **Belchior** Fontenelle Fernandes, morto hoje.

Editorial

ISSN
2447-1003

Editorial	três	Triste realidade Wagner Perrota Cunha
Como nossos pais Belchior	seis	Inquilino Gabriel Folena
como matar animais pegajosos Alberto Lins Caldas	oito	hand canvas Lauro Heinsenbauer
uma só Luna Salazar	dezenove	40 Moinhos de vento Tito Leite
maafa Geovanne Otavio Ursulino	20	40 e um Os Terroristas Iluminados Catia Cernov
Banquete Luís Perdiz	20 e dois	40 e quatro Dalila Fátima Costa
nau Henrique Pitt	20 e quatro	40 e seis Virtuoso Gabriele Rosa
Casario Grasiela Fragoso	20 e seis	40 e sete A pesada estrutura Gustavo Petter
le fugitif J. B. Ownolson	20 e sete	40 e sete Cigarrinhos de Chocolate Taís Naves
há um cavalo Raquel Gaio	30	50 Nu Carla Andressa
Bom Filme Iriwelton Caetano	30 e um	50 e dois Escombros Jean Albuquerque
de algum canto do mundo Pat Lau	30 e dois	50 e quatro Futuro em Fúruia Luís Perdiz
Seleção Natural Karen Pimentel	30 e três	50 e cinco Sonho Lúcido Adson Ney Amorim
A marca de fel em meus lábios Mariana Rodrigues	30 e quatro	50 e dois quando penso noite Raquel Gaio

Ogivas & Arrebatamentos

Jhonata Lucena

50 e sete

Córregos

Luís Perdiz

60

Tente instante intacto

Gustavo Petter

60 e um

reencarnamos como caes

Lauro Heinsenbauer

60 e dois

Visceral

Bárbara Bento

60 e três

Rito de Passagem

Tito Leite

60 e quatro

Incêndios

Jean Albuquerque

60 e cinco

Verão sem Datcha

Adson Ney Amorim

60 e seis

Quarta andar, Amanhecer...

Allen Gisberg

60 e oito

lua em gêmeos

Eliaquim Timóteo da Cunha

60 e nove

Lendo Paul Auster

Mateus Magalhães

70

nada de dardo

J. B. Ownolson

70 e dois

Ao sol

Gustavo Petter

70 e quatro

Cinco da Manhã

Allen Gisberg

70 e seis

70 e oito

Rimbaud na África

Mateus Magalhães

70 e nove

Revelação

Tito Leite

80

parece q nem sabemos

Geovanne Otavio Ursulino

80 e um

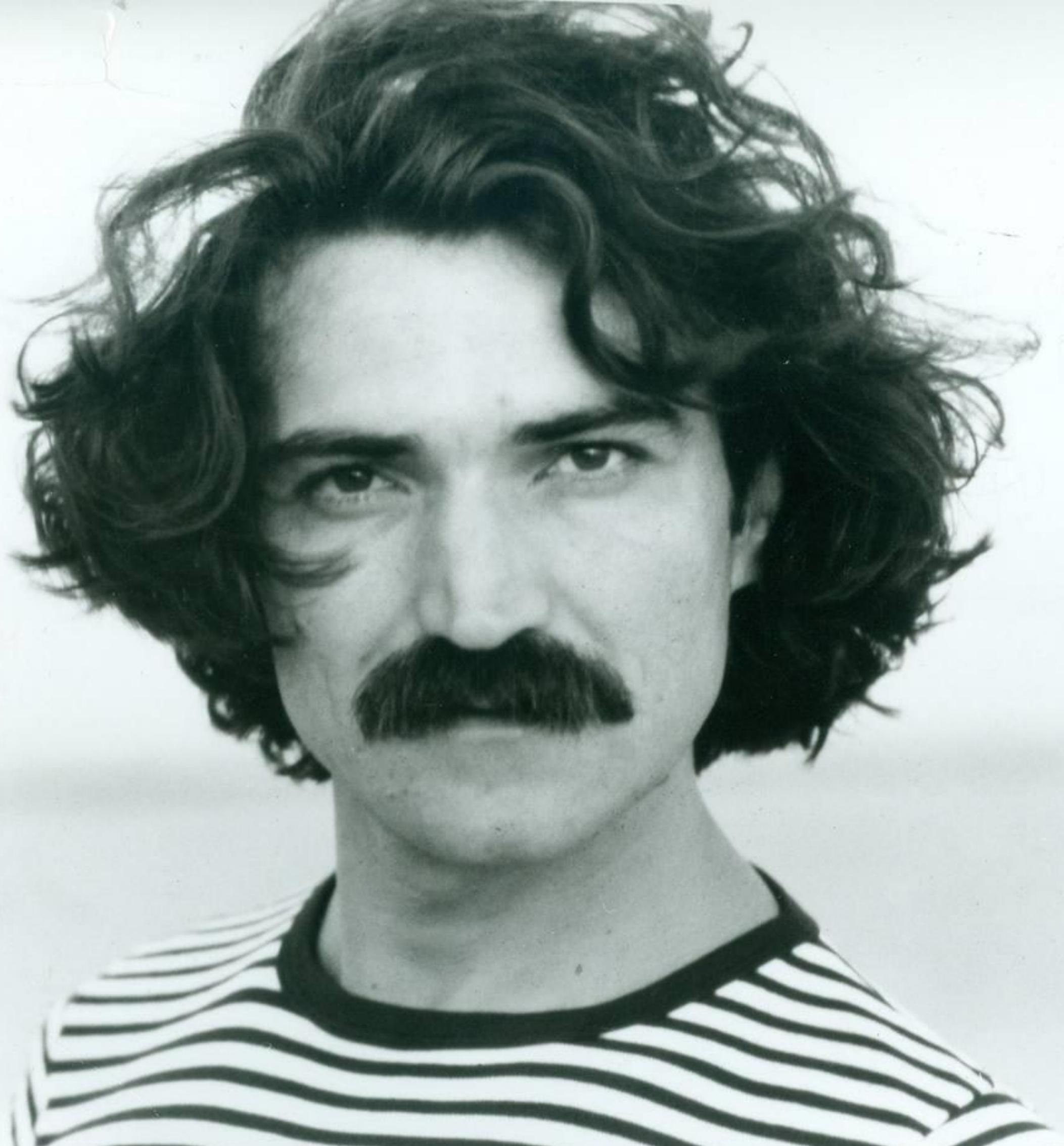
Sobre os autores

80 e cinco

Sugestão de leitura

índice





Não quero lhe falar,
meu grande amor,
das coisas que aprendi
Nos discos.
Quero lhe contar como eu vivi,
e tudo o que aconteceu comigo.

Viver é melhor que sonhar.
Eu sei que o amor
é uma coisa boa.
Mas também sei
que qualquer canto
é menor do que a vida
de qualquer pessoa.

Por isso cuidado, meu bem,
há perigo na esquina.
Eles venceram e o sinal
está fechado pra nós
que somos jovens.

Para abraçar meu irmão
e beijar minha menina na rua
é que se fez o meu lábio
o meu braço e a minha voz.

Você me pergunta
pela minha paixão,
digo que estou encantado
como uma nova invenção.
Vou ficar nesta cidade,
não vou voltar pro sertão,
pois vejo vir vindo no vento
o cheiro da nova estação,
e eu sinto tudo na ferida viva
do meu coração.

Já faz tempo
e eu vi você na rua:
cabelo ao vento,
gente jovem reunida.
Na parede da memória,
esta lembrança
é o quadro que dói mais.

Minha dor é perceber
que apesar de termos
feito tudo, tudo, tudo
tudo o que fizemos,
ainda somos os mesmos
e vivemos...
ainda somos os mesmos
e vivemos
como os nossos pais.

Nossos ídolos
ainda são os mesmos
e as aparências... as aparências
não enganam, não.
Você diz que depois deles
não apareceu mais ninguém.

Você pode até dizer
que eu estou por fora
ou então
que eu estou enganando.
Mas é você
que ama o passado
e que não vê.
É você
que ama o passado
e que não vê
que o novo sempre vem.

E hoje eu sei, eu sei
que quem me deu a ideia
de uma nova consciência
e juventude
está em casa
guardado por Deus
contando o seus metais.

Minha dor é perceber
que apesar de termos
feito tudo, tudo, tudo
tudo o que fizemos,
ainda somos
os mesmos e vivemos...
ainda somos
os mesmos e vivemos...
ainda somos
os mesmos e vivemos
como os nossos pais.

Como
nossos.
pais

1. alberto
lins
caldas





como matar
animais
pegajosos

como matar uma mulher e outros animais pegajosos

- é simples •
- basta um pedaço de carne uma minhoca presa •
 - certamente num anzol violento •
- depois de fígado o animal pegajoso se abala •
- sem ar na margem do rio da lagoa ou do mar •
- com um porrete se bate bem forte na cabeça •
- ou com uma faca bem afiada se coloca a ponta •
- naquilo q é a garganta e com força se empurra •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

- é simples •
- uma manga podre uma banana aos pedaços •
 - colocar na beira da toca e abanar •
- pra q o animal sinta o cheiro e sem resistir •
- corra logo pra fora com todas as suas fomes •
 - e se mostre como é e como deve ser •
- com uma boa arma atire nesse animal •
- na cabeça no coração no fígado no sexo •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

- é simples •
- corra por dentro do lugar com um taco •
- batendo nos moveis nas paredes pra assustar •
- ate q ele se esconda duma maneira perfeita •
- so assim vc começa a tocar fogo em tudo •
- no lugar inteiro portas e janelas fechadas •

- é simples •
- é sempre simples sempre foi simples demais •
 - ha uma infinita maneira de eliminar •
 - uma mulher e outros animais pegajosos •
 - como ornitorrincos e camelos bufalos e gnus •
 - ursos e belugas antas pangolins e coiotes •
- são pragas nocivas provenientes do mundo •
- q matam as raizes da vida trazendo dano e dor •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

- é simples •
- é tão simples q se mata sempre e se mata •
- tanto quanto isso comunga e participa e ri •
- se não fosse assim ?como nos divirtiríamos •
- como teríamos a vida q temos as boas horas •
- as boas ninhadas os bons costumes a comida •
- sem caçar esses animais asquerosos •
- não seríamos quem somos porisso dizemos •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •
- assim ele saira pelas chamas ja morrendo •
- assim todos podem ver como é isso aqui fora •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

como matar um negro e outros animais pegajosos

- é simples •
- é sempre simples sempre foi simples demais •
- ha uma infinita maneira de eliminar •
- um negro e outros animais pegajosos •
- como as baratas pulgas e ratos as serpentes •
- os escorpiões e aranhas gafanhotos e lacraias •
- são pragas nocivas provenientes do mundo •
- q matam as raizes da vida trazendo dano e dor •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •
- é simples •
- no meio do andar olhe pra tras •
- por cima do ombro olhe pro primeiro terror •
- a coisa q não nos larga •
- isso encardido isso sujo isso entranhado •
- o sangue a pele os ossos os dentes as unhas •
- depois o andar •
- isso de gargalhar imovel isso de ser morto •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •
- é simples •
- são criaturas sobejas q rastejam bem antes •
- de nascer bem antes de morrer antes de tudo •
- criaturas desertas q riem como escravos •
- q são batidas e mortas e morrem rindo •
- criaturas q não se revoltar e riem •

- quem sabe não é a faca errada •
- a arma errada sempre usada e eles gostam •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •
- é simples •
- não ha vitoria nem triunfo •
- vc começa vagamente temendo alguma coisa •
- essa alguma coisa ronda sua casa negramente •
- negramente se esconde negramente sai •
- da toca como uma ratazana sim •
- olhos nos olhos ha sempre odio e nojo •
- parecem com vc parecem comigo mas não •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •
- é simples •
- veneno no banquete dos mendigos •
- fogo nas favelas toda hora o vasto em chamas •
- o caminho ta cavado e o circo cheio •
- são esses os animais do abate de sempre •
- não cansamos de devorar essa carne dada •
- carne vermelha carne roxa carne sempre •
- uma faca um porrete uma farda uma ordem •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

como matar um gay e outros animais pegajosos

- é simples •
- a morte ta dentro pra morrer é preciso •
- parar a morte a morte toda a morte inteira •
- a morte ja morta a morte parida •
- a morte q não se toca não se junta não é •
- nem vida nem morte a morte sempre •
- depois enterrar a estaca •
- enterrar o q for preciso pra jorrar a morte •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •
- é simples •
- não ha vitoria nem triunfo •
- vc começa vagamente temendo alguma coisa •
- mas não temer sim é o começo da caçada •
- não é preciso distinguir isso ja é feito •
- basta olhar basta sentir o cheiro •
- depois vem a força •
- vem metais os viadutos as coisas quentes •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •
- é simples •
- horas de terror toda noite explodindo •
- praças casas ruas cidades onde se escondam •
- cortar cabelos roupas unhas cortar linguas •
- deixar o minimo possivel antes de matar •
- antes de juntar com lenha e tocar fogo •

- localizar cercar aceitar pra q se denuncie •
- ver o desvio da grande natureza e de deus •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

• é simples •

- eles não podem e nos podemos •
- eles não sabem e nos sabemos e saberemos •

• na devida hora e lugar •

- dizer e fazer aquilo pra q nascemos •
- o q melhor fazemos o q ensinamos aos filhos •

• quem sabe depois haja a luz •

- q traremos com tortura e tristeza e porisso •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

• é simples •

- se ainda não acreditam reparem escutem •
- vejam a loucura dos tempos e partam •

• em vastas divisões em boas irmandades •

- todas tomadas pelo devido odio devido rancor •
- pois so assim chegaremos a pureza •

- essa palavra dos poetas dos santos e de deus •
- mas pra isso é preciso crer bater ferir e confiar •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

como matar um anão e outros animais pegajosos

- é simples •
- porq não podemos saber quem é anão •
- separar daquele q se eleva ate o alto e sim •
- saber quem nasceu se arrastando •
- meio macho meio femea meio nada meio •
- um pedaço uma falta um ligamento vazio o não •
- porisso sera meia morte sendo meia vida •
- meia respiração meia dor meio tudo assim •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •
- é simples •
- depois q enterrar a estaca a faca a mão o pe •
- enterrar o q for preciso pra jorrar a morte •
- olha o anão nos olhos olhos nos olhos sempre •
- quase na altura do anão pouca sombra sim •
- q diz não sei não foi não é quem sabera •
- depois a falta de ar o peso imenso no peito •
- tudo porq é minuscuro é ridiculo é nadinha e ri •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •
- é simples •
- basta traçar um circulo na areia do chão •
- desenhar no centro a coisa gostosa de comer •
- fazer silencio como se faz na floresta •
- quando tudo sabe q é presa e podera morrer •
- quando tudo treme dentro do circulo •

- olhar o sol as nuvens saber o poder •
- refazer os planos as ordens do dia a razão •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

• é simples •

- todos ja sabem q podem matar a diferença •
- aquilo q se intrometeu sem ser chamado •

- o q parece e nunca foi é nem pode ser •
- aquilo q come nossos grãos e come e come •
- bebe nossa agua nosso vinho e os sonhos •

- depois chega e quer cantar e dançar •
- quer dormir na nossa cama quer conversar •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

• é simples •

- aproveitar a fraqueza todas as fraquezas •
- a impotencia a burrice a velha tolice •

- sem esquecer a boa cumplicidade sim •
- sem isso nada podemos fazer nada se fara •
- nem mesmo a morte duma mosca •

- pois é preciso matar ate não restar mais •
- nenhuma diferença entre nos nenhuma e nada •
- basta esperar q pare de se debater e de gritar •

comentários no poema
"como matar um gay
e outros animais pegajosos"
bloqueado no facebook

- 1.** os narradores dessa série de quatro poemas me deixaram doente. mas faz parte. essa é a grande função do poema. o resto é poesia.
- 2.** os nazistas de verdade escrevem poesia, crônicas travestidas de literatura, realismo, bolo fecal de metáforas, memorialismos, lirismos de botequim, erotismos de classe média e umbiguismos de todos os tipos. o poema é fabulação, ficção, enfrentamento do horror, sem descritividade e sem representação. é uma voz narrativa vinda das ficções do real, o real enquanto tecido de linguagem, de atividades, de signos, de ordens. assim pode tocar o horror, ser por um momento certa configuração do horror.
- 3.** essa é a função estética/política/filosófica do poema desde a segunda guerra, q matou a poesia q vinha morrendo desde o fim do século xix. como os poetas continuaram sendo poetas e escrevendo a mesma indignidade lírica, se acredita q é poesia esse cadáver ridículo arrastado pelo mundo todo enquanto "lá fora" há o mundo pra ser enfrentado, o horror q a poesia não sabe sequer olhar e quando tenta é claramente um "artigo", uma "crônica", qualquer coisa travestida de poesia. normalmente uma pequena petição de princípios de branqueios de classe média funcionários públicos de ditaduras. nacionalismos camuflados. a "voz do poeta", o famoso "eu lírico", são punhetagens pra esconder q aquilo ali é o poeta mesmo escrevendo, "falando", "pensando", dando sua opiniãozinha, igual ao mundo, jamais contra-o-mundo-sem-ser-ele - precisamente porq é ele em guerrilha. o resto é shopping com sorvete de baunilha, até pros "marginais".
- 4.** enquanto isso as ditaduras escapam pelos dedos dos poetinhas indignados com o mundo. castrados no centro mesmo de sua tentativa. o q fazem é apoiar e não podem saber. enquanto isso os assassinos de gays, mulheres, pobres, anões, miseráveis, cães e gatos, bois e cabras, trabalhadores e sindicalistas, "índios" e zebras escapam, fogem, fluem incólumes. a poesia é uma indignidade, pois só ela poderia enfrentar o horror na sua dimensão estética, simbólica, ficcional. o resto seria com a política, a revolução, mas isso é impossível num "povo" levado por si mesmo numa imensa servidão voluntária junto com o "país", a terra, a língua e a puta q os pariu, porq um poemata não tem pátria.
- 5.** o nazista aprisionado no poema, seu narrador, é sempre mais fraco do q aqueles soltos em plena festa do horror. digo nazista porq a questão não é racismo, homofobia (etc.), mas algo bem mais profundo, bem mais radical: a essência da "nossa tribo", sua maneira de produzir, de se relacionar, sua brutal exploração, sua forma de vida "campo de concentração".



Saluna Salazar

tenho um monstro vivendo aqui
tão perto que as vezes está dentro
tão perto que as vezes sou eu
tenho um monstro vivendo aqui
ele fede ele rosna ele baba

sua língua é lixa arrancando a pele
lambendo minha cara lambendo
nossas caras nós sabemos q somos
uma só aos olhos do monstro
ele lambe ele fareja ele sabe

tenho um monstro vivendo aqui
ele caça à noite ele caça pelo dia
toda carne é presa toda presa sou eu
meus peitos minhas coxas meu sexo
minha bunda minha cara minhas mãos

uma,
SÓ

maafa



há muito tempo disse
 pro senhor arkaikea
 q algo profundo mudou em nós
 somos o q somos

dizia o senhor arkaikea
 mas eu sentia na pele
 nos olhos nariz boca orelhas
 sentia em cada fio de cabelo

q algo profundo mudou em nós
 quando entramos naquele barco
 nem quando torramos
 no sol conseguimos

mostrar pro senhor arkaikea
 q algo profundo mudou em nós
 eu sentia em cada osso
 nosso nome foi esquecido

nossa língua se perdeu
 quando entramos naquele barco
 sentia em cada fio de cabelo
 mas o senhor arkaikea

não dizia nada além de
 somos o q somos
 por isso chegando aqui
 falamos nossa língua

como não tivesse se perdido
 adoramos nossos deuses
 como não tivessem nos deixado
 dizíamos uns pros outros

somos o q somos
 como dizia o senhor arkaikea
 mas nada trazia harmonia
 pra nenhum de nós

q vivemos como bestas
 q dormimos como bestas
 q comemos como bestas
 nem morrendo como bestas

conseguimos mostrar
 pro senhor arkaikea
 q algo profundo mudou em nós
 quando entramos naquele barco

sinto na pele nos olhos
 nariz boca orelhas
 sinto em cada osso
 em cada fio de cabelo

mas continuamos vivendo
 comendo dormindo falando
 como se não tivéssemos
 entrado naquele barco

como se não tivéssemos
 esquecido nosso nome
 como se não tivéssemos
 perdido nossa língua

há muito tempo disse
 pro senhor arkaikea
 mas aprendemos a repetir
 somos o q somos

Banquete



estirados sobre uvas e fogueiras
oferendados aos olhos do dragão
adormecidos em tambores e maços
devorados na miragem nupcial da ordem

as fábricas nas unhas crescem

nau

Madrugava, ouviram a primeira lamúria do navio se direcionando ao canal, e quase nada mais se distinguia. É verdade que, à maneira de cada um, ambos aguardavam aquele apito. Ele se apressou, depois lavou as mãos e a cara olhando-a em seu outro,

- é hoje [disse-se]

em seguida abriu a porta e do jeito que a faca, enviesada, entre o jeans e a pele de suas costas, entrou, também ele o fez no cheiro de peixe que ainda neblinava a hora.

Os olhos amanhecidos que fundeiam os butecos e puteiros daquelas ruelas, os quais ele já estivera, puderam vê-lo estancar os passos calmapressados, a mão proteger da brisa o cigarro ao acender, e logo certificar que a faca abainhada na cintura, às costas, na havia sido esquecida em casa, e prosseguir.

A mesma palavra se aproximava até atracar, como nas mesmas datas dos anos anteriores, indecifrável no casco. E era assim que ele reconhecia. Vê-o. Fundido ao parapeito do convés o homem procura, varre as sarjetas com a visão, bêbados e putas saem às calçadas desdenhando-o [um mijava no degrau duma porta, duas cambaleiam abraçadas com um entre elas, um curioso fuma encostado na esquina admirando a embarcação, e há outros...], e o homem tenta divisá-la nos transeuntes, mas sabe que não a confundiria, e ela se faria ser vista.

Uma hora se passa. O sol já reflete na água e o imóvel homem transpira, talvez mais por nervosismo, seus dedos batem impacientes na borda metálica, havia esperado um ano, novamente, por aquele dia, por aquele momento anual, mas agora suas retinas tentavam adentrar quanto mais possível nas janelas e portas de cada um daqueles estabelecimentos, os quais já estivera, atêm-se novamente nos rostos e corpos individuais [o que mijava está deitado, dois cambaleiam abraçados com uma entre eles, o curioso continua fumando encostado na esquina admirando a embarcação, e há outros...], mas sabe que não a confundiria, e ela não retornaria àquelas casas.

henrique Pitt

Ele, observa-o. Imagina sem sucesso e sem saber, o pensamento confuso, as questões, as dúvidas saxônicas que se passam na cabeça ao sol daquele homem. O prazer ao ver sua cara ali, à deriva, não é o que ele pensou sentir. De repente aquele pequeno caos se agita com a passagem próxima do ruído de uma viatura, ele instintivamente confere pelo tato a presença da faca, o homem no seu alto percebe que alguns se refugiam e também está sem sair do lugar caminhando sobre os próprios pés.

O ruído passou e encaminhou-se ao seu destino, que não era ali, mas o homem, em um detalhe de instante, nota que o curioso que fuma encostado na esquina não se abala, continua admirando a embarcação, ou, mais precisamente, olha-o, e leva a mão na cintura, às costas. Não gosta da sensação, fica nervoso, mais do que já estava. Um ano, novamente, ela nunca se atrasou, nunca se atrasaria para o encontro de tantos anos. Ele caminha em sua direção, a mão às costas, o homem sente acelerar o coração, ele tira da cintura a faca suja e mostra-a explicitamente ao homem, como quem usa uma linguagem autóctone para dizer algo, que pelo horror no rosto, o homem entendeu; deu uma olhada tremula em toda área do porto e virou-se ao interior da embarcação – nunca mais veria aquelas paragens. Ele continuou. Também não tinha mais para onde nem para quem voltar.

grasiela Fragoso

O velho telhadilho bojudo.
Invento.
Distância.
Que sem piedade nenhuma
põe a gente a imaginar o longe.

A rua,
brutalhada de corpo,
com cara grande, uma barba fiosa,
faz cantiga levantando os braços.
A moça, a velha
no se-dizer sem palavras.
Virou espetáculo!
Virundangas, chusma de gente.
Matéria de maluco.

Soroco, o bêbado,
com seus trasmodos e despropósitos,
para não parecer pouco,
bota sua melhor roupa, chapéu grande,
paletó, maltrapos.
Extremoso!

O velho telhadilho bojudo.
Viagem por outrora grandezas...
Só de olhar para elas
gera encantos,
pressentimentos,
palavras por bem-fazer!

Casario

le
fugitif



J. B. Ownolson

fugitifs notre histoire a nous. la vie ressemble comme l'enfer. car il nous a tous attrapés en lance fer! on apprend a fuir depuis les reins de nos pères, en fuyant nous avons échappé de la matrice de nos mères. et nous voilà enfin dans cette Univers, nous Fuyons le passé, tout en nous préparant a fuir le présent!! nous espérons tous un futur si grand, pour ça nous continuerons de fuir ni les bons et les mauvais moments j'ai fui a l'endroit j'ai fui a l'envers, j'apprend a me taire!.. dans mon silence je n'ai jamais cessé de fuir. j'ai fui ma joie et mes ennuis. j'ai fui la nature, j'ai fui ma nature!.. au jardin d'enfant j'ai appris a courir. mais ça ne me sert rien a fuir. a l'école j'ai fui les classes. dans la vie j'ai fui le temps et l'espace!.. j'ai fui en marchant. j'ai fui en pleurant. en dormant!.. par fois des amis m'ont aidé a fuir après je les ai fui. je vais fuir ma famille bien tôt je fuirai la vie!.. j'ai fui mon premier amour. j'ai fui les heures et les jours, en fuyant je Suis de nouveau tombé amoureux.. même si pour elle je suis disgracieux. j'ai fui mes tristesses j'ai fui ma rage, si je publie ceci sur ma page, c'est parce qu'en fuyant j'ai appris a être sage!... le fugitif c'est un état d'âme!... bien que souvent ça fait couler des larmes. on dit que seul les lâches qui fuir. mais de nature on ne peut cesser de fuir!

o fugitivo

Fugitivos nossa história a nós. A vida é como o inferno. Pois fomos todos apanhados na lança de ferro! Alguém aprendeu a fugir desde os rins de nossos pais, fugindo tínhamos que escapar da matriz de nossas mães. E finalmente, chegamos neste universo, nós fugimos o passado nos preparando pra fugir do presente!! Todos nós esperamos um futuro tão grande, por isso continuaremos a fugir nem os bons e nem os maus momentos eu fugi do verso e fugi do reverso, aprendi a me calar!.. no meu silêncio eu nunca parei de fugir. Fugi a minha alegria e os meus problemas. Eu fugi da natureza, eu fugi da minha natureza!.. no jardim de infância aprendi a correr. Mas isso não me adianta nada pra fugir. Na escola eu fugi das classes. Na vida eu fugi do tempo e do espaço!.. Eu fugi caminhando. Fugi chorando. Sono!.. Por vezes amigos têm me ajudado a fugir , depois eu os ajudo fugir. Eu vou fugir da minha família bem cedo eu fugirei da vida!.. Eu fugi do meu primeiro amor. Eu fugi as horas e os dias, fugindo me apaixonei de novo. Mesmo se para ela eu sou deselegante. Eu fugi das minhas tristezas eu fugi da minha raiva, se eu publico isto na minha página, é porque fugindo aprendi a ser sábio!... o fugitivo é um estado de alma!... Embora muitas vezes isso faça derramar lágrimas. Dizem que só os covardes que fogem. Mas da natureza não podemos parar de fugir!

há um cavalo galopando no meu dorso
meu corpo está em leilão numa estrada deserta
ainda sim, tu não me libera das correias

estou plantada no assoreamento de teus gritos
e meus dentes ainda resistem sadios
embora você os veja sempre nublados

sabes que sou esse pulso aberto dentro do teu negro
nome
o santo sudário onde realiza teus crimes

sei que não haverá comprador
que compre uma criatura tão deformada como eu
eu, que comprei a ti em outras encarnações
e fundei em oração tua palavra de ferro.

raquel
Gaio

— Duas meias, por favor.

A atendente me entregou as meias e coloquei-as nos pés amarelos. Entrei no cinema.

— Bom filme. — Ela gritou, só quem ouviu foi a minha esposa.

Quando o filme começou eu estava chorando com os braços sobre a mesa. Cabelo molhado, camisa social aberta. Havia bebido. Estávamos a sós naquela sala de cinema: eu e a atendente.

— Bom filme, não acha? — Ela sussurrou no meu ouvido.

— Muito triste. — Eu respondi e passei minha língua cheia de saliva na orelha dela.

— Você quer troco?

— Quero você, nua na minha cama. — Olhar fixo e a câmera girando ao meu redor.

Quebrei o vaso de flores; abri a janela e pulei. A última frase antes do filme começar é: "o filme já vai começar". A última frase de um filme triste é: "baseado em fatos reais".

— Amanhã eu venho e a gente assiste ao mesmo filme. Preciso trabalhar agora.

— Não sei se meu marido vai gostar. — Minha esposa respondeu ao atendente.

— Seu marido é um corno. — Todos riram.

Menos eu que acordei com dores no corpo.

Mexo meus braços, estou numa calçada qualquer de Nova York. Óculos quebrados, mas ainda enxergo. Táxis amarelos. Olho para os meus pés quebrados, não sinto dor. Me levanto, manco; ando lento. As pessoas abrem caminho, outras fogem de mim. Não sinto nada e ao mesmo tempo me sinto estranho.

Ciriwelton
Caetano

Bom Filme



de
algum
canto,
do mundo

e enquanto procurava encontrar
um lugar onde repousar
as flores

quando em minhas mãos
os caules cortados
as folhas as folhas

enquanto em círculos
insistia que a seriedade
não é esse sério

antes uma maneira
de nos salvar

engatar uma terceira
sair desse ponto morto

enquanto os rostos daqueles
gêmeos mortos
duas crianças nos braços
de um pai demolido
me apertavam o estômago

e os caules e as folhas
e as flores e o círculo
e o sério e eu morto

a voz de sarah vaughan
de algum canto do mundo

a voz de sarah vaughan
e nossos olhos úmidos
doloridos

Pat
Lau

Seleção Natural

Pikaren
Pimentel

ressaca bate-estaca na cabeça;
pilão faz farinha meus miolos;
é esforço descomunal pisar um pé após o outro
porta afora é bate-estaca da construção
é soco no olho, aperto no estômago:
rápido, rápido, rápido
primeiro o direito, depois o esquerdo:
depressa, deixa a esquerda livre, porra!
meu aumento salarial não espera o seu compasso
lento, lento:
sua lesma!
lesma se arrastando pelos desníveis das calçadas
lesma deixando esse rastro gosmento por onde passa
esse cheiro de fracasso:
essa gosma que me prende ao chão
enquanto os pedestres voam, voam, voam
o sucesso é sempre pra cima:
sempre sempre,
e eu lesma grudada no asfalto:
eu gosma espalhada pelo chão,
eu gosma contaminando o asfalto:
grudando as solas dos sapatos ao chão,
atravancando o caminho dos apressados:
corre, rápido:
o sucesso está logo ali, quase ali:
a dois passos & três úlceras gástricas
de te levar ao topo da cadeia alimentar:
homo sapiens de sucesso
come homo lesma de atraso:
é a seleção natural, dizem!
o melhor adaptado sobrevive às adversidades da vida urbana
o melhor adaptado voa em ubercópteros para suplantar o trânsito
o melhor adaptado tem solas de sapato impermeáveis
à gosma dos homo lesmas de atraso
o homo sapiens de sucesso não conhece pausas
a cada dois passos & três úlceras:
mais perto se chega do céu,
do céu, do céu
mais perto de Deus
para roubar o controle remoto do mundo:
ainda nenhum homo sapiens de sucesso alcançou tamanha façanha
ainda vivemos em slow motion
ainda é possível dar um pause na vida
e curtir um barato.



A marca de fel
em meus lábios

Não fui eu quem te matei

mas como disse Demian, trago a marca de Caim em meu
rosto, trago sangue pingando das minhas mãos

não fui eu quem te matei

mas jamais te disse adeus

e por isso te trago para viver em meus sonhos

não fui eu quem te matei mas morri junto contigo

e se a ti tivesse dado um beijo derradeiro

beijaria a vida com menos gosto de fel?

Triste realidade

wagner
Perrotta
Cunha

Certo dia nasceu Fortunato
Vindo de pai e mãe do interior do mato
Desde o princípio
Deus o marcara
Com a seca já pequeno evacuou
Com mala e cuia ao sul se mudou

No barraco fome não passou
Mas viu morrer pai, mãe, primo e avô
Da violência escapou
Mas à pobreza e ao amor se entregou
Jurema sua esposa, pobre de família
Vinda também do interior da Bahia

Mas um dia com palpite do amigo
Fortunato foi jogar
Na cabeça ele marcou...
Quatro números da milhar
Um milhão foi receber
E na loteria já explanou:

-“Não sou mais um perdedor!”

Dali saiu e foi comprar
Uma nova casa
Pra sua esposa e sete filhos se alojar
Elegância não faltava, ornamentada a casa era
Tinha televisão até pendurada na janela

Pois já dizia Fortunato
-“A sorte tarda, mas não falha!”

Três meses se passaram
E nem mais um cobre lhe sobrou
Suas roupas e mobília
Foram parar no corredor

Pra favela caminha...
Fortunato, Jurema, filhos e cobertor
Subindo a ladeira...
Com rancor gritava o gozador...

-“Não sou mais um perdedor!”

gabriel
Folena

Eles carregavam tochas, e liberdade dançava entre as chamas – mas ela não para mim...

Eles eram meus inquilinos, todos eles pedaços de mim, e queriam sair. Quando perguntado o porquê de não conseguir deixá-los ir, eu não soube responder. Poderia viver sem eles? Haveria vida uma vez que livres eles estivessem?

Insegurança os liderava, e Dúvida vinha logo atrás. Comparação levantava alto sua tocha, e Expectativa observava ao fundo, uma sombra vermelha à espreita, esperando...

Eles querem liberdade, mas eu a quero?

Eles querem liberdade, mas como ficarei aqui sozinho?

Eles carregavam tochas, os meus inquilinos, e descobri que era eu a alimentar as chamas. Eu era a fagulha, e queimei para que eles pudessem permanecer aquecidos. O quanto alguém pode incendiar a si mesmo e manter-se vivo?

Se eu continuar assim, pela manhã eles estarão soltos... e eu, serei cinzas.

Inquilino

hand canvas



Heins**en**bauer^{lauro}

:a primeira coisa que sentiu foi a mão em fogo: fogo elétrico percorrendo toda a extensão do metacarpo. garras de dragão minúsculo, a mão toda doleu fechava-se elegantemente até, mesmo diante de tanto desespero, sonhava com água, que fosse uma estrela de brilhos falhos, mas frios, urrava, uivava, urraiva em vermelho-cáqui, uma dor que escorria das junções das bases das falanges proximais, depois seus corpos, desaguando e entupindo os poros, fabricando ciclos de deslumbramentos, porque a dor nunca era a mesma, às vezes, entre o dedo anelar e o mindinho florescia bromélias de sangue, o caule se confundindo com os tendões branquíssimos e meio úmidos, fosse talvez o plasma visguento fervilhando, lagunar e épico, enquanto a mão convulsiona abre-fechabre, as unhas-olhos-brancos levadas por uma sombra repentina feita de aço, a mão, um pássaro-estampido desmancha seu unicanto em fragmentos de pólvora.

tito
Leite

Raquel chorava seus filhos trucidados
– eu choro os livros
não nascidos.

São pêndulos os anjos que ficam.

Na essência que me conflagra
minha metafísica estreita
os êxtases que escapam
dos molaes de moinhos.

A incompletude irrompe
uma absurdidade incômoda.

Quero que sejam transcendentais
os acidentes.

Sublimo com água ácida
o eclipse que espelha
minha ascese de tarde.

Em pólvora e fogo guardei-me
nos sabres metálicos da noite.

No meu pouco tenho o limo
que safira a gema celeste.

Moinhos de vento



A gente precisa fugir
 a strada é esburacada
 estmos exaustos
 o radiador ferve
 e eles são mais rápidos
 podem voar
 tem olhosdroners

Ea gente decidiu fugir
 Não suportamos servir
 Servir servir
 Viver p produzir p produzir
 Fazer sexo industrial
 Sorrir ds outdoors
 Tomar Aspyrinas Azuis™
 Não dá/estamos despertos/precizamos escapar
 Ejaculamos azul/ fomos abençoados pelo próprio sêmen

E a gente se encontrou assim
 Entre 1ma fuga e outra e outra e outra
 Podemos ler a mente uns ds outros
 Nos vemos pelas janelas ds carrosbombas
 Nos reconhecemos
 Pelos nssos tristes olhinhos dKristo

A gente se achou ns rodovias mesmo
 Sem planos sem rotas
 Não precisamos encontrar&conspirar
 Ter um plano d fuga
 Ate mesmo porq não temos mesmo pra onde ir

Não nos conhecemos
 Mas sabemos qe decidimos fugir
 Estmos agora nest automóvel
 Pelo asfalto minado&esburacado
 Não é game
 é karne qe queima e reage
 o radiador ferve
 e eles sabem voar
 tem olhosdroners

Catia
 Cernov

Os
 Terroristas
 Iluminados

Essa é a Estrada Aberta

Só os desertores podem suporta-la:

Asfalto quente/cotas d água/comer pouco andar muito/sempe tenso/ precisamos d
álcool/ mais um whisky/ pra nos dar coragem/a gente sabe da morte/na próxima
esquina/o viaduto sitiado/a lei ds satelites/vozes rastreadas/palavras chaves/não há
saída/

Assim mesmo decidimos fugir

E vms morrer tds assim

Escapando escapando

Não importa/vms fugir/

Somos vírus kerouacs

komemos strada

Temos fome d Luz&

os tristes olhinhos de Kristo

Velocidade vontade vontade

E 1ma boa dose d maldade

Eles é qe devem ter medo de nós!

Não mais seguimos servimos

ns fugimos fugimos

O carrobomba/koraçãomotor/fé&propósito/Jim Morrison no autofalante/granadas
azuis/ as meninas nos amaram/radiador furado/olhos cansados/joelhos baleados/tem
flores nDeserto/um índio acena pra nós/chove gafanhotos n parabrisa/

&Eles são mais rápidos qe nos

sabem voar tem olhos droners

Assim mesmo decidims escapar

Enquanto não nos alcançam

Vemos a paisagem/breves territórios livres/celebramos a aventura/o gozo

extremo/falamos palavrão/rimos das leis/cachorros&vagabundos/as virgens

prometidas estão no banco detrás e bebem conosco/roubamos gasolina/somos

krianças/brinkamos com escorpiões&abelhas cibernéticas/ essa é nossa ilha de kaos/ e
nenhum deus nos pediu permissão!

Haveremos de morrer assim
em fuga
Não podemos levar/
podemos perfurar o spaçotempo
somos estilhaços de kaos/
O teorema da Parte Maldita/
piratas invadindo o jardim zen/
favelabeats&hacerks

Por muito tempo temos fugido
E sabemos qe agora é o fim
O radiador ferve/ barreiras&escopetas/dentesrangers/acelerador d partículas/olhos
dzangão/sempe perseguição/escolhemos assim/seremos livres assim/na rota de fuga/o agora
é nosso Kaminho sagrado/esse é o fim do medo

Eles sao mais rápidos/podem voar/ tem olhosdroners/
Nós temos uns aos outros

Eles chegam muito muito perto
Mais perto mais perto
Nítidos em nosso retrovisor
Mais perto mais perto
Vão nos alcançar
Dai nós explodimos o carro
E furamos os olhosdroners deles!

Nossos estilhaços/
estão no mundo/
Nssos tristes olhinhos dKristo despedaçados/
são as flores dsangue/
nesses desertos/
qe correm pelas janelas/
dos carrobombas

Terror?
terrorismo é a servidão!

Eles é qe devem ter medo de nós

fátima
Costa



Dalila

cheirando teus cabelos
nem senti falta dos meus

quando bebi o cálice que me deste
calou minh'alma
e sim
me vi embevecido

o preço foi alto
valeu-me os olhos da cara
e a placa do primeiro primata traído

este último doeu-me mais

mas ainda sinto
o cheiro dos teus cabelos
medusa

tuas serpentes fingidas
insistem em morar
nos jazigos das tranças

Virtuoso

gabriele
Rosa

Vanadinita. Uma ânsia férrea sobe à boca! Um único golpe... Vi sede de morte nos olhos de Píndaro. A Glória vence a virtude... Por César e para ele!... Meu sangue verte pela espada banhada no sangue de meu amor. O ar me falta como as mãos de Júlio em meu corpo... Oh! Titínio, amigo querido, não pude ver seus olhos pela última vez... Bruto subestimou nossos inimigos... Estamos entregues ao infortúnio! O amor me faz covarde: Mate-me, Píndaro! Guia tua espada até meu peito e vinga César!...

Cuprita. Otávio e Antônio avançam na batalha... Bruto e eu estaremos fadados ao esquecimento... Peleja sem propósito! Jamais traímos Roma!... Bruto só quer o que é seu por dever: O Império!... Eu... Apenas fui servo do amor colérico que corrói minhas entranhas. Tolos! Ostentam valentia... Jogos de poder! Se todos, além de Antônio, soubessem quem realmente era Júlio César... Meu César!

Ardiloso Antônio... Subverteu o discurso de Bruto. Incutiu nos corações servis a traição da qual César fora vítima! Aos olhos deles, Bruto e eu somos inimigos de Roma quando somos seus salvadores da tirania que César despejaria sobre eles! Mergulhados no sangue de César, triunfaremos sobre toda dor... Vinte e três feridas... Fim da tirania! Lúcido até quase o fim, planejei cada um dos golpes: desejava César vivo para ver em seus olhos a mesma dor que habita os meus... E assim o fizemos! O golpe fatal seria proferido por Bruto! Ele precisava sentir o desespero de amar e ser traído!... Sussurrei em seus ouvidos que era em minha cama que Bruto era acolhido... Sorri ao perceber sua respiração em paralisia... Chorei com o sangue de César vertendo em minhas mãos...

Topázio imperial. Fui espelho de Bruto: ele via o que eu projetava... Aos poucos, ganhei sua confiança... Preenchi-o de coragem e amor! Os dias eram para Pórcia... As noites eram nossas! Quando percebi sua entrega, foi o momento de persuadi-lo. Temos um alvo!... Um plano de morte para Júlio César!... Seduzir Bruto foi muito difícil!... Meses observando minha presa. Pórcia era nosso elo. Tornei Casca meu aliado e juntos planejamos todos os detalhes... Precisamos dele: Amado pelo povo, amado por César! Era preciso plantar a injustiça em seu coração... Ele precisava sentir minha lealdade...

Berilo vermelho. Descobri o amor! Assim que nos vimos nos reconhecemos! Júlio me olhava com tanto desejo... Eu devia estar louco... Calpúrnia nos aproximou... Tola! Envaidecida por demasiado para perceber o que de fato aconteceria... Numa noite, como seu hóspede, senti o vigor das suas coxas... As suas mãos pesadas marcavam-me como um território... Lábios ferozes... Sou dele do início ao fim... Queria não me sentir tão frágil... Sonho em ser poeta, mas meu pai me quer nas batalhas!... Observo demais os meninos... Nunca aprendi a sentir de outro modo...

A pesada estrutura do viaduto

reescreve com lirismo
luz e sombra sobre
duas prostitutas
e um travesti

Goya gozaria
esse claro escuro
Hopper comporia
com primor o
crepúsculo humano
Baudelaire louvaria
o poder da pintura
ao sublimar a ruína
que o céu assiste mudo

No mesmo percurso
de indócil beleza
há ainda versos
para os olhos abertos
do cachorro morto
visto quilômetros
depois do viaduto

gustavo
Petter

Cigarrinhos de Chocolate

Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.

Estou hoje dividido entre a lealdade que devo

À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,

E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Álvaro de Campos, Tabacaria

Minha querida avó sempre dizia para levar a vida em equilíbrio. Acho que sempre fui do exagero, pois serenidade nunca foi a minha virtude. Se estou alegre, danço; se estou triste, morro. Em razão disso, estou cá sentada na calçada da Tabacaria contemplando a vizinhança defronte à janela de Álvaro que aparenta fazer o mesmo, cuja melancolia revelada em seu olhar é tão símil. Observo-o mergulhado em profunda tristeza sem saber o que perdera, semelhante daqueles que vêm à Tabacaria apagar cigarros com uma só tragada. Quiçá um gesto masoquista no intuito de aliviar a dor, tal modo como o bêbado que vejo caído na rua. Ele me desconhece, mas eu o conheço, porque todo fim de tarde estou na calçada e vejo-o atravessar a rua e passar por mim para comprar tabacos. Solitário e aprisionado em seus pensamentos não repara que ali admirando-o estou.

A vizinha passa por mim e parabeniza-me pelo prêmio literário e eu só consigo pensar que aquilo não era nada. Por fim ele nota a minha existência, talvez me apreciando com inveja do outro lado da vidraça e, intuo o seu provável monólogo interior: "*Come chocolates, pequena; come chocolates! Pudera eu comer chocolates com a mesma verdade que comes!*". Eu permaneço ali do mesmo modo com o meu monólogo interior: Já existi em tantas vidas e não vivi nenhuma, ganhei tudo e aspiro ao nada. Na noite passada, chorei e debrucei-me nas lágrimas como se estivesse para morrer, no entanto desejei que a morte viesse até mim como alguém que se entrega à má sorte. Tal atitude daquele homem na janela, suponho eu, permanecia tragando o seu tabaco feito morfina para a sua dor. Tenho andado solitária desde muito antes de saber que ainda estava só e, contraditória que sou não quero a própria companhia. Vi tantos diplomas diante de mim e vi tantas vidas sufocadas por isso. Fracassei tantas vezes quando quis ensinar o que não poderia ser ensinado, passei anos me dedicando às disciplinas e lecionar para mim não fora o bastante. Agora não penso em outra coisa senão na vida que queria ter vivido, ainda que fosse utopia ir de encontro à natureza e assim, fugir de toda a corrupção da sociedade. Estou aqui sozinha e falando sozinha!

Ntaís Naves

Se Álvaro soubesse que carrego comigo a mesma sina. Somos tão iguais, negamos tudo, até mesmo companhia – somos rebeldes, angustiados e, também cansados das ideias feitas e dos aforismos prontos. O mesmo dominó de que Álvaro vestiu-se, eu me vesti. A máscara pregada à cara adulterando a minha amargura. Fingi ser uma grande mestra na minha arrogância de querer ser importante, não tive mais uma vez equilíbrio entre ser vaidosa e subserviente. Carregava comigo uma carência que não fora preenchida. Sempre discursando com destreza a cada baile de formação dos meus alunos e em meus lançamentos. Recusei tantas companhias, mas agora gostaria tanto de uma alma doce ao meu lado. Coitados! Estúpidos a crerem na mentira que eu mesma inventei e cri, embora não passasse de uma tola soberba. Ainda sonho e acredito na minha ambição de ser feliz sem grandes feitos.

Ah, Álvaro! Sempre fui pessimista em relação à sociedade e estou tão arrependida por influenciar tantas pessoas que hoje aspiram ser o que eu nunca quis. A minha arrogância de crer que sempre soube bem mais, hoje me sufoca por aceitar que sei bem menos ao perceber que me desgastei por dentro para ser perfeita. Dói-me saber que nada disso, nem mesmo o que vivenciei por toda minha vida não me ampara agora. Invejo o mendigo na rua, invejo qualquer viajante solitário que não tem nada a não ser suas histórias no bolso. Continuo a olhar para Álvaro debruçado na janela: devo ir ao seu encontro e bater à sua porta? Hum... Melhor não.... Eis que então tenho a visão de mim sentada em seu divã confessando que me deleito com chocolates na busca de um prazer que só isso poderia me dar naquele momento – e, só me sinto de verdade assim, para que ele compreenda de um jeito assustador o que eu sei, até mesmo ele sabe e que sinto dolorosamente como ele sente. Ouço a sua voz repentinamente a dizer adeus ao Esteves que sai da Tabacaria:

-Adeus ó Esteves!

- Adeus!

E eu? Ah! Eu sempre suja de chocolates.

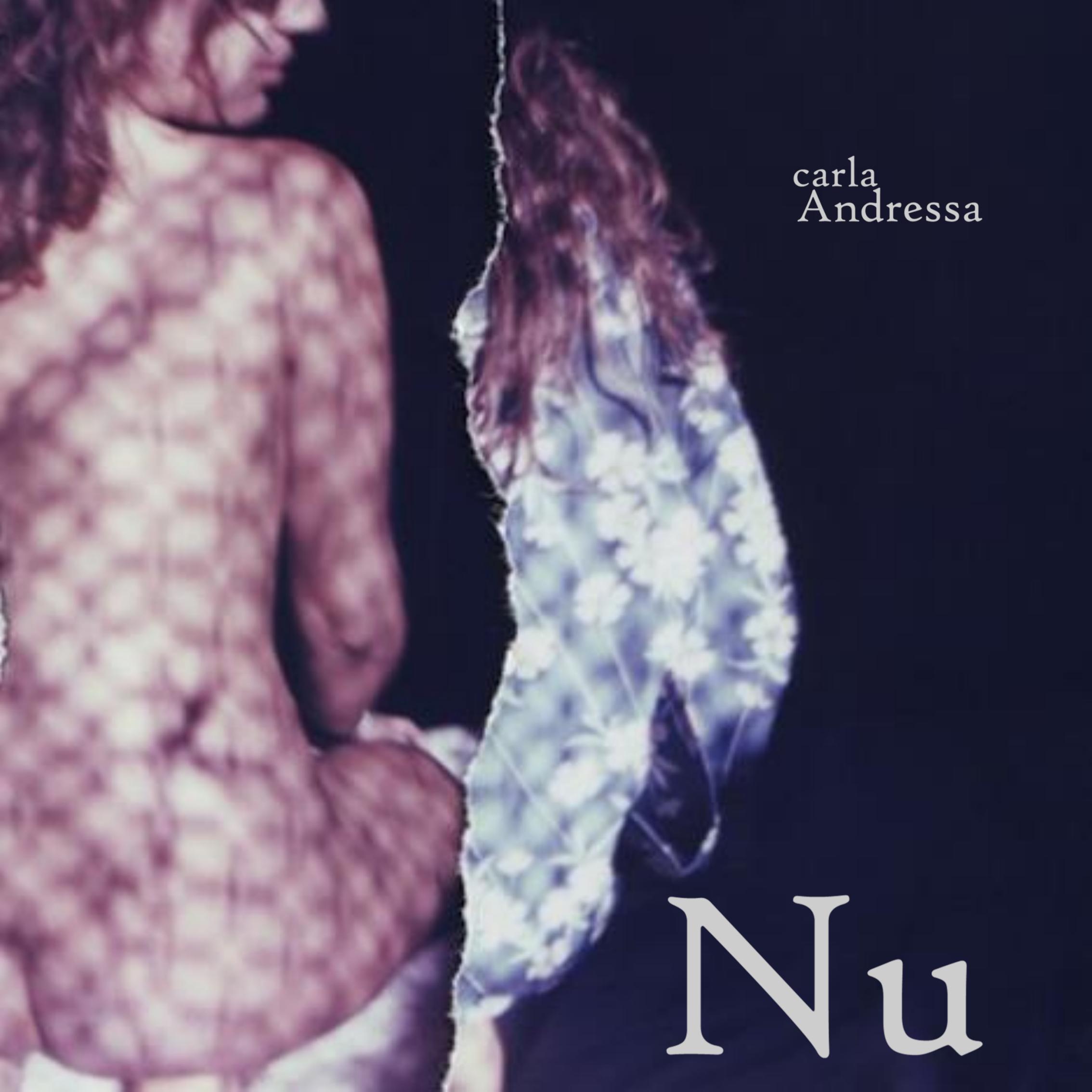
Vira o rosto,
não me deixa tocar a alma.
Não olha nos meus olhos,
e quando o faz,
não me enxerga.

Atravessa meu rosto,
inquieta,
e passa a ponta dos dedos com ódio
pelo meu corpo.

Entrelaça as pernas em mim
e me apertando com força
chora rasgando a pele
e queimando a carne.

Lá fora as lágrimas gotejam,
pingam dores abafadas.
Quando foi que deixei de ser minha
e passei a ser nossa?





carla
Andressa

Nu

Escombros



jean Albuquerque

Ainda dá tempo de voltar o ombro 180° pra tua redoma
Você prometeu não faltar a audiência de divórcio
Os presos do módulo II continuam jogando cabeças pela janela
Tua mãe arrumou o quarto do seu irmão mais velho para recebê-lo
As empresas estão abarrotadas de currículo com fotos 3x4 tiradas nos lambe-lambe do centro
O traficante do bairro passou pra cobrar as 25g de pó
Semana que vem chega a ordem de despejo

Futuro em Fúria

todos os eletrônicos sagrados ruíram com cócegas
têmporas lapidadas se derreteram em química miragem

viveram pólvoras por detalhes
retalho pelo retalho em amarga voz

semblante animal lívido próximo à porta
sonégavamos entreabertos as sirenes do teatro lógico

o dia mastigado no bolso anterior
cada entulho vespertino em sua espécie ávida
vapores e capacetes abandonados no esgoto

éramos dois esqueletos momentâneos do destino
numa carne viva e suntuosa
esperando esperança

luís
Perdiz

Sonho Lúcido

adson
ney
Amorim

Estar ainda que na ausência.
Sussurro que arranha a garganta.
Prelúdio do engasgo de quando silencia.
Alçar voo...
Matar a sede da palavra não dita
na fonte inesgotável de teus lábios.
Desejar-te em pele.
Nervos.
Despir das camadas mais rasas
da linguagem as superfícies.
Cobrir-te em cruas sensações.
Sonhar sonho lúcido...
Nem fantasia dá conta.
Nem realidade basta.

Graquel Gaio

quando penso noite
há a palavra salvação deitada em minha garganta
o crucifixo da mãe para sempre enjaulado
o fosso úmido de todas as promessas

as mulheres da minha linhagem
tem os olhos fundos do tempo
a faca cega na palavra amor
o contágio implacável dos acidentes

trazemos nos olhos
a mensagem intransponível dos despenhadeiros
e o fogo ateado no colchão que você nos deixou

ritual de aniquilamento onde me sujo
punição pelo nosso convívio

tenho horror a este mundo
mas é por ele que digo meus destroços
e minha mãe
os seus silêncios de santa.

I

Arranque as tenras relvas silvestres
que eclode numa manhã sufocante
onde crianças cambaleiam no abismo
se atirando lentamente no esquecimento
Sombras que o amor desfez e que toda a espécie humana superou
O amplo caminho que novamente te convida
O inferno foi feito por Deus
Rezaríamos por tua paz?

II

O antigo cavaleiro ainda me agrilhoa
Só com morte o homem se faz eterno
e a mulher saberá o que nas mãos eu levo
a honra e a sorte que me reserva
Ainda assim, sozinho caminho pela aresta
Esses bolsos vazios que procuro o azul
O rubro sangue que colore esta manhã
Mil fontes eu lembro, creio, lamento...
A virgem crua passa ao meu lado
correndo da confusão humana
Os anjos saem para o assalto em terras prometidas
ora com som de trompa, ora com sinos de enterro
Velam os corpos peregrinos
Os infantes foram transformados em estrelas
Um dia hei de contar minhas lembranças

Ogivas & Arrebatamentos
(visão do inferno)

III

Por mais que os sóis ainda nasçam
Não sejas triste e fastidiosa
Todo o pecado que carrego repousa nesta terra, cansada
Toda palavra que te apraz permanece aqui, calada
e quando o vento te chamar, sejas ouvidos.
Nosso passo se torna tardio,
cujo caminho já conhece
Nos barrancos, reconhecemos os rostos esquecidos
Enquanto eu viver não sejas profecia
Pois as honras e vontades expulsam a vida
As horas passam, o Mestre dobra o olhar sobre seu discípulo
Mostrem as feridas novas e antigas
A tarefa é dura, torna-se angustiante, a alma pesa
Impulsos bestiais, fogos infindáveis
Louvores e cânticos de redenção
O Céu é surdo

IV

Há três círculos em degraus cheios de espíritos malditos
Na grande rocha a malícia é sempre uma ofensa
Se tiveres presente, aperfeiçoe a tua vida
O poder flagela, o Sol sara as feridas
A descida é rude, cuidado para não tombar com o Touro
Seja cauteloso, pois não restou nenhum guardião
Olhe para baixo e verá a cobiça, as flechas patrulham você
Lágrimas de justiça em jubilo profundo
Os rios estão nus, os guerreiros sem vestimentas
porém o som da água ainda cresce
e as armas ainda são erguidas
A vergonha deveria ser a culpa do homem
Através de um vulto singular
Na garupa da morte nós vagamos com nossa luz apagada
O açoitado retrocede o interesse na caminhada
O primeiro golpe o irrita
O segundo golpe o abjeta
O terceiro golpe o protela
Nefando suas manchas de miséria
Não paramos de afundar quando a luz chegou
Colhemos o fruto mas fomos impedidos de chegar ao futuro devorando vida
Ficamos paralisados
“Condene com fogo a verdade” – foi o que nos disseram
Medo maior foi ter visto o céu em chamas
O ar nos puxando pro chão
Sentir por todo o lado feras nos engolindo
As línguas sendo puxadas, caretas de horrores angelicais
Fomos condenados
Um dia hei de contar estas lembranças

luís
Perdiz

Córrigos

bota imersa na
flora do destino
brilho transatlântico
fincado em alma

auroras e cachos
moto infinita na neblina

dilúvio de nuances
improvisando verões

o jazz campestre na barraca da noite
desfigurava também o interior de nossos pulsos

Tente instante intacto. Sustente as pálpebras.
Agente firme sem piscar. Atente. Atenção total.
Animal (in)quieto. Não é fácil capturar o momento
exato em que a metáfora eclode. Então olhos
abertos sobre os meus. Ininterrupto. A erupção:
palavras recém conectadas erigem-se à superfície.
A metáfora é indócil, pode soar desconexa, difícil
ao olhar cotidiano. Então olhos abertos sobre os
meus. Debruçados no parapeito flertam a queda.
Impostante perceber e registrar as reações
orgânicas: alterações nas pupilas, íris, globo
ocular. Assim como sabemos quem chorou
escondido, está chapado ou triste. Assim como
lemos a loucura, a paixão. Anotar tudo antes que
os olhos fechem-se sobre as imagens do tipo: o
cardume de afogados fere a quietude azul.

reencarnaremos
como cães

na China

depois de uma vida toda
lamuriando

acabaremos

numa banca sórdida de Yulin
entre varejeiras verdes

homens com gestos rápidos
e aventais sujos

seremos expostos

em postas frescas
pechinchados
classificados

cabeças
vértebras arcadas dentárias caninas
empilhadas
formando
bizarros ideogramas
pontagudos
de ossos e carne

carrancas
esculpidas à ponta de faca
corpos sustentados por ganchos

entram pelo maxilar e às vezes
(quando o china é ruim de serviço)
saem pela omoplata onde a dor
deixou um chamado no vácuo

mesmo assim
cabides macabros
ou fuga abruptamente
interrompida

Tísheng ! Tísheng!

eles gritam

em vermelho
uivaremos em vão
sob um céu sem estrelas

bárbara
Bento

Visceral

O desejo continua aqui,
Latente,
ora tépido,
ora inundado,
O desejo continua presente,
Até morrendo em meus dedos,
Vazando pelos fluidos,
Sobrevive no cortejo a dois,
Vibra num sorriso largo
Morre em forma de orgasmo,
Como que de propósito
Até ausente
E quando não se sente,
faz sentir
Desobediência por charme
O desejo transpira
Sem nunca ter sido tocado
Se realiza no abstrato,
se perpetua
Na boca
Que ora pragueja
Que ora cura
Desejo mata?
Pois, titubeia,
Passa a língua e se excita
Não subestimo
Desejo assim até quando morto,
mata!



tito Leite

Escreverei um livro sapiencial,
onde a verdade arderá
como uma bala de prata.

Direi que os cordeiros
mordem & desconcertam
minha pouca sensatez.

Traduzirei o que arqueja & copula
nos bombardeios da condição humana.

As pétalas também
sentem solidão.

Antes que o fim chegue, desligue da harpa
as plumas da madrugada. Arrancarei do meu leito
a pedra que possuía um espinho no peito.

Mesmo quando tudo perece,
a boa arte combate a morte.

Rito de
passagem

Já se passaram três meses, mas parece que nada aconteceu desde que ela partiu e foi tão cedo. A gente não supera assim de qualquer jeito. E pensar que Camila poderia ter uma nova chance, um tratamento pioneiro que pudesse livrá-la do mau agouro. Sua beleza sempre foi de uma maestria, aquele jeito brejeiro de quem acabara de terminar o colegial que a maioria dos marmanjos adoram: morena, cabelo muito curto, baixinha, um corpo proporcional à sua altura; costumava fazer a maioria quase torcer o pescoço quando passava na rua.

A última vez que vi Camila foi antes de sair de casa no café da manhã e nunca imaginei que fosse a última. Ela tinha sessão de quimioterapia às 14h, eu estava atrasado para pegar o metrô em direção ao trabalho, tive que correr para conseguir cumprir com todos os compromissos e voltar para acompanhá-la em mais uma etapa do seu sofrimento: colocar através de uma veia periférica os medicamentos para destruir suas células doentes.

Ao chegar em casa, minha pequena estava caída no chão, a mesa ainda com o café da manhã, a cama king size com os lençóis desarrumados, a torneira da pia entreaberta pingando, a toalha no mesmo lugar que a deixei, um CD do Beck tocando no som e meu mundo desmoronando naquele momento.

Quando alguém vai embora, fica o pensamento que já é tarde demais para fazer qualquer coisa. Temos em nossa mente por meses a imagem de quem já se foi, ao caminharmos pela rua pensamos que nunca iremos nos acostumar com a ausência do outro. E a certeza que ela não irá mais vir, nem irei ouvir sua voz novamente, nunca mais, me paralisa. Meus amigos falam que precisamos enterrar os nossos mortos, temos que passar a não contar mais com eles, esquecer, tentar viver uma outra vida.

Nos dias de céu azul as madrugadas costumam ser mais longas. Cigarro, insônia, lembranças. Sempre lembranças. Daquilo que decidimos ser e não somos, o futuro cobrando a sua cota, as vitórias que não chegam, as promessas que nunca se cumprem. O jeito dela ficar com a porta da geladeira aberta pensando no que iria comer, o modo como segurava o baseado na escada do quintal que dá acesso ao criadouro dos gansos.

Nos passeios no parque aos domingos, a felicidade dos casais apaixonados me atravessava a alma: sorrisos, afagos e eu pensando que tudo poderia ser tão diferente. Nem sempre é possível dar um replay na vida e viver tudo o não vivemos. As viagens, a ida à Lisboa, a visita a uma casa de swing no Rio e tantas outras coisas que só o fato de lembrar já faz doer. Às vezes é necessário abraçar os desertos dentro da gente.

jean
Albuquerque

Incêndios



Verão
sem
Datcha

Não há inferno em que caiba todo o resto

Maiakovski

Teu slogan não confunde homem e sol
no mesmo destino

Confunde

É que deste lado

todo brilho de fato ofusca

Fere

Existir é farol que não guia

Diria o viçosense

'raros lampejos, muitos eclipses'

Se somos faróis

Estamos todos danificados

adson
ney
Amorim

Quarto andar, Amanhecer, de pé a noite inteira escrevendo cartas

Pombos balançam suas asas sobre o telhado de cobre da igreja pela minha janela, através da rua, um pássaro transforma a cruz num poleiro e inspeciona as nuvens cinza-azuladas da cidade. Larry Rivers virá tirar um retrato meu às 10 da manhã. Pombos, estou tirando um retrato de vocês. Eu estou lhe escrevendo, Amanhecer. Estou imortalizando a fumaça do seu cano de escape, ônibus da Avenida A. Reflexão, você terá que imaginar a mesma coisa para sempre!

lua em gêmeos

a misteriosa dama do século xx
estava ali, mais uma vez,
aliás estavam todas, ali, mais uma vez
e a conversa, sobre a poética das filhas de mainha
caminhas exibindo tua máscara
perfume no ar, não é o teu cheiro
na aproximação, não te toco
no campo da visão, não te enxergo
antes de falar "é bonita"
vejo o teu rosto, não tua pele
estais ali, bem ali mascarada
aqui comigo pergunto "quem é?"
tua máscara tem minha atenção
quieto mascaro meu olhar
uma raiva tremula minha língua
porquê mascarada?!
escondida mostrará um mistério?
aquela que defenestrava devaneios
naquele dia, reivindicava mais samba
reivindicava mais luas em gêmeos para esse mundo
reivindicava uma língua para medir o seu corpo

eliaquim
timóteo
da Cunha



Lendo Paul Auster ou CUT-UPS

(para o poeta Mateus Borges,
meu amigo)

a perpetuação de uma memória
entre os prédios cinzentos:
o acasalamento dos viciados em 2008
Jaraguá pipocando nas manchas da pele
contra tudo e contra todos vocês nós
planejamos mudar o país em pé no ônibus

seguimos firmes na caça às imagens
a lua aquosa onde figura a transitória beleza
a precisão com que você escreve sobre o silêncio
quanta coisa você me fez chorar

— observo alucinado

nossa intimidade sorridente
no calor da década

mateus
Magalhães

pas de javelot, pas d'épée, pas de carquois.
y a qu'un seul âme crucifié sur la croix.
pas de côtes de mailles, pas d'armure.
je me retrouve seul avec ma solitude sur le mur.
pas de capsule, pas d'arme.
ton amour a transpercé mon âme!..

à présent je Suis perdu sur ma croix.
malgré mon sang qui s'écoule mais je crois.
je crois un jour tu feras Une réponse aux peines que mon coeur murmure.
et peindre ton amour sur la toile de mon mur.
y a pas d'évasion ton amour a dépouillé mon âme.
dans l'océan de mes pleures a mes yeux y a que des vague à larmes

dans les parois de mes cotes ou coulissé mon coeur.
ses battement qui décollent me ravigotte même si j'ai encore peur.
y a pas de soldat, y a pas de combat.
ma pensée se décline et je me sens encore plus bas.
mon coeur ne cesse de faire la guerre.
je t'aime en Depit de tout je t'oublierai guère.

je ne me sens plus devant ta beauté sublime.
si t'aimer est un crime.
pardonne-moi d'être ton criminel.
je n'y peux rien car c'est naturel.
je n'ai pas suffisamment de force pour pouvoir casser ce dilemme.
dans mes vocabulaires il ne me reste qu'un seul mot sacré qu'un "je t'aime"

J. B. Ownolson

nada de dardo, sem espada, nem aljava
 só há uma única alma crucificada na cruz.
 sem costelas nem mas, nem armadura
 encontro-me sozinho com minha solidão na parede
 nada de cápsula nem armas.
 o teu amor atravessou a minha alma

agora estou perdido sobre a minha cruz
 apesar do meu sangue que escorre mas eu acredito.
 acho que um dia terás uma resposta às penas que meu coração sussurra
 e pintarei o teu amor sobre a tela do meu muro
 não há fuga teu amor destruiu minha alma
 no oceano do meu choro meus olhos e só há dor

nas paredes das minhas costelas pendurou meu coração
 suas batidas que voam me alegram mesmo se ainda tenho medo
 não há soldado não há luta
 meu pensamento se desdobra e sinto-me ainda menor
 meu coração não pára de fazer a guerra
 eu te amo e apesar disso eu te esquecerei

eu não tremo mais diante da tua beleza sublime
 se te amar é um crime
 perdoa-me por ser teu criminoso
 eu não posso fazer nada porque é natural
 eu não tenho força suficiente para poder quebrar esse dilema
 no meu vocabulário só me resta uma palavra sagrada "eu te amo"



gustavo
Petter

Ao sol as sapatilhas laranja, sobre o parapeito do último andar, reescritas línguas de fogo aos olhos que pela primeira vez olham pela janela a manhã de domingo. E sabem: é preciso atear passos ao chão, como alguém caminhando em direção a um protesto político contra leis que prejudicam o povo, como ir ao encontro do novo amor, ao reencontro do antigo, lado a lado com o grande, como alguém carregando escondido na mochila o spray que pixará a frase: não temer. A leveza dos passos movidos pelo desejo, único que seja. É preciso atear passos ao chão.

Cinco da manhã

allen
Ginsberg

Élan que me eleva acima das nuvens
dentro do puro espaço, atemporal, de fato eterno
Respiração transmutada em palavras
Transmutada de volta em respiração
em cem, duzentos anos
quase Imortal, os 26 séculos de respiração
cadenciada de Safo – fora do alcance do tempo, dos relógios, dos impérios, dos corpos, dos carros,
das carruagens, dos foguetes naves arranha-céus, das Nações imperiais
paredes de bronze, mármore polido, Artwork Inca
da mente – mas de onde isso vem?
Inspiração? As musas respirando fundo por você? Deus?
Nem, não acredito, você se sufocará seja no Paraíso ou no Inferno –
O poder da culpa, que acorda toda noite o batimento cardíaco,
Inundando a mente com espaço, ecoando através de cidades futuras, Megalópolis ou
Vila de Creta, a caverna do nascimento de Zeus Planície de Lasíti – fazenda
do Condado de Otsego, o alpendre do Kansas?
Buda é um socorro, não promete o nirvana a mentes ordinárias –
café, álcool, cocaína, cogumelos, marijuana, gás do riso?
Não, muito peso para essa graça que eleva o cérebro ao céu azul
no alvorecer de Maio, quando os pássaros começam a cantar na 12ª rua do Leste –
De onde isso vem, e onde se tornará eterno?

Quase gritante
Criança importante
Ecoa o peito pedrado
A alma num silenciador
Conformada com tão pouco
A girar na fumaça só pra se dopar
quase importante
escolha cortante
o ninho espinhoso que me acolhe.

Resignada ^{bárbara}
Bento

mateus
Magalhães

Rimbaud na África

passo meus dias sonhando com o impossível. rimbaud, já nos anos de exílio, contrabandeava dragões da abissínia no oeste da África setentrional. acorda solitário, em meio às suas sacas de especiarias. pensa em Paris, sobretudo em Paris à noite. sente saudade de Verlaine, apesar de lhe ter destruído a vida. sente saudade de Verlaine e desenha croquis de seu rosto, bicando o copo de absinto e guardando o cachimbo na boca. pensa em sua mãe e sente ódio. no oeste da África setentrional, Rimbaud contrabandeava dragões da abissínia. domá-los era um talento excepcional, e ele acreditava, com razão, que aquele era o maior feito de sua vida. mais até do que seus poemas. e estava certo. Rimbaud chorava muito, principalmente nas madrugadinhas. na infância, dizia aos amigos que, quando crescesse, seria explorador. eu o imagino, agora, em Maceió. desbravando suas avenidas compridas, escravizando trabalhadores do centro, colhendo erva-daninha no sopé das calçadas. vejo claramente, nas minhas iluminações, a figura de Rimbaud mais velho, cabelo queimado de sol, rosto muito carcomido para alguém de 30 e poucos anos. sentado no meio-fio, ele aguarda a morte. sinto desprezo pela imagem de Rimbaud jovem, porque ela se parece demasiadamente comigo. nossos rostos perfeitamente ovais, nossos olhos estranhamente pálidos. já pela sua imagem de velho, guardo admiração. sobretudo porque nunca parecerei com aquilo: o meu tempo não permite mais as deambulações que lhe marcaram com crueldade a aparência. não quero e nem planejo viajar à África, porque sei que não encontrarei dragão algum. penso que os manuais de literatura deveriam reproduzir esta imagem, a dele velho, no lugar daquele seu retrato famoso aos 17 anos. Rimbaud, aos 30 e poucos, contrabandeando aves-répteis e fazendo cálculos, era muito mais poeta do que jamais fora: e seus olhos, ah – seus olhos!, ganhavam um suave tom de crepitações sobre o mar azul...

Falta um afago
nas ruas
que pavimentam
as multidões.

Quando o artista briga com
a tirania do horizonte,
salta um sentimento
de beatitude entre os pulmões.

Vidas destroçadas:
desencanto
pelas metrópoles.

Dostoiévski embriagou-se
do sermão da montanha,
lembra um teólogo,
diante da divina intuição:

o inferno não
é um lugar das almas
non gratae,
é a indigência de amar.

Revelação

ouvimos muitas histórias
vindas de todo canto
conhecemos as histórias
vindas de canto nenhum

passou tanto tempo
foram contadas tantas vezes
parece q nem sabemos
da destruição do fogo da morte

porq é da gente não saber
mesmo o q sabemos
porq é da gente esquecer
mesmo o q lembramos

ouvimos muitas histórias
passou tanto tempo
a destruição o fogo a morte
se tornaram cinzas

desenhadas em muros
esculpidas em praças
cantadas em poemas
repetidas em orações

histórias vindas de todo canto
sobre gigantes do oeste
do outro lado do grande rio
lá onde nem sabemos

lá onde nem fomos
lá onde o mundo parecia
nem existir pra nós
nem pra ninguém

parece q nem sabemos

histórias vindas de canto nenhum
sobre destruição fogo morte
foram contadas tantas vezes
parece q nem foi com a gente

gigantes do oeste
atravessando o grande rio
destruindo nossas cidades
tocando fogo em nossas casas

parece q nem lembramos
porq é da gente não saber
porq é da gente esquecer
mesmo sabendo

mesmo lembrando
mesmo os gigantes soltos
por nossas cidades
destruindo cada canto de nós

destruindo nossos muros
destruindo nossas praças
mesmo os gigantes soltos
destruindo nossas orações

fingimos não saber
fingimos não lembrar
fingimos não existir
pra nós nem pra ninguém

Pat Lau

Pat Lau que já foi um dia Patricia Laura Figueiredo, depois Patricia Laura até chegar nesta vontade de essência feito o que fica de um poema. Se "Créer c'est se créer" como nos diz Rilke começou criando e eliminando os excessos do seu nome (explicação dada para não acharem que Pat Lau é um pato vietnamita ou uma alma tibetana desencarnada). É poeta com três livros publicados: poemas sem nome (Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011), no ritmo das agulhas (São Paulo: Patuá, 2015) e poemas bebês (São Paulo: Dash, 2016). E vigia e cuidadora de infâncias.

Alberto Lins Caldas

publicou os livros de contos "Babel" (Revan, Rio de Janeiro, 2001), "Gorgonas" (CEP, Recife, 2008); o romance "Senhor Krauze" (Revan, Rio de Janeiro, 2009) e os livros de poemas "No Interior da Serpente" (Pindorama, Recife, 1987), "Minos" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2011), "De Corpo Presente" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2013), "4x3 - Trílogo in Traduções" (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2014) com Tavinho Paes e João José de Melo Franco), "A Perversa Migração das Baleias Azuis" (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2015), "a pequena metafísica dos babuínos de gibraltar" (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2016), e "Veneza" (Penalux, Guaratinguetá, 2017). Blog: www.poemasalbertolinscaldas.blogspot.com

Carla Andressa

faz bacharelado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pesquisa nas áreas de História da Arte e Gênero.

geovanne otavio ursulino

escreve no blog Amorfo Poema:
www.amorfopoema.tk
e-mail: ursulino@alagunas.com

bárbara Bento

nascida em 1993, Maceió-AL, reside no município de União dos Palmares, mesmo estado. Bacharela em Serviço Social, pela Universidade Federal de Alagoas, adora escrever no seu blog "A doce intuição de Vênus" e troca facilmente chocolate por livro.

gabriele Rosa

estudante do curso de História pela UFRRJ, grafiteira carioca e pesquisadora do Graffiti como Heterotopia múltipla.

eliaquim timóteo da Cunha

Rabisca rascunhos sob reticências nômade. É antropólogo e vive pelo lavrado de Macunaíma e Insikiran, Roraima. Publicou alguns rascunhos na revista Alagunas.

henrique Pitt

autor ir-responsável por ANTROPICOS (prosa experimental - <https://www.facebook.com/Antropicos-915688705217871/>), MENAS (poesia concretominimalista - <http://linguaseamigos.blogspot.com.br/2016/10/menas-poesias-de-henrique-pitt.html>), e QUEIMA DE EXTORQUE (poemas - <http://www.alagunas.com/queimadeextorque>). Página-poética: <https://www.facebook.com/Henrique-Pitt-246566348843773/>

mateus Magalhães

é autor dos livros Quem tabelar com Toni ganha um Fusca (Iogr, 2015) e Malu e a bagaceira (Iogr, 2016). Administra uma página no Medium (@mateusmagalhaes) e outra no Facebook (fb.com/nabanheiracomrimbaud). Tem 20 anos e estuda Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas.

Ntaís Naves

nasceu na cidade de Nepomuceno, interior de Minas Gerais. É escritora, poeta e resenhista no blog Corpo da Escrita. Publicou na revista Subversa os poemas Indecisão (2014) e Amor Fatal (2015) em versão on-line e impressa. Atualmente está trabalhando no projeto de seu primeiro livro. Para entrar em contato com a escritora envie um e-mail para o endereço taisnaves@outlook.com e para acompanhar seus trabalhos pelas redes sociais, siga o blog corpodaescritablog.wordpress.com Ou [facebook.com/taiscardosoficial](https://www.facebook.com/taiscardosoficial).

Jhonata Lucena

Nasci em Penedo-AL no dia 02 de Setembro de 1994. Era uma manhã de sexta feira quando abri os olhos e enxerguei pela primeira vez o mundo. Foi minha primeira Visão. Cresci num bairro de classe média e sempre viajava de caminhão nas férias com o meu pai e avô. Essas viagens estão gravadas até hoje no meu espírito. Me interessei por poesia aos 13 anos, após roubar A Divina Comédia de uma biblioteca escolar na qual estudava. Dante assumiu o papel de Virgílio e foi o meu guia durante meu Inferno infantil. Com o passar do tempo fui me expandindo para outros poetas e autores, encontrando a Eternidade em Rimbaud, as alucinações em Roberto Piva, a busca por visões no W. Blake, o ritmo dos Beatniks, as transfigurações dos surrealistas e todos essas coisas, que nós poetas nos alimentamos. Acredito que a minha poesia se forma através de visões, e que eu sou o intermediário dela. Facebook: Jhonata Lucena Instagram: @jhonatalucena

wagner Perrotta Cunha

Aluno do curso de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Escreve para confessar, mas não confessa para agradar. De pouca fala, mas olhos atentos. Ainda acredita que a Educação do Brasil respira. Contato: wagnerperrotta@hotmail.com

Fátima Costa

é alagoana e estudante do curso de Letras-português pela Universidade Federal de Alagoas. Possui textos publicados na revista Alagunas #9.

grasiela Fragoso

Raquel Gaio é Historiadora. Tem poemas publicados em antologias e revistas. Autora do blog www.finatempera.wordpress.com

Saluna Salazar

Nascida em Maceió, em 1990, é graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, estado em que morou por uma década. Hoje, vive em sua cidade natal. Escreve em seu blog pessoal: lunaslzar.blogspot.com

jean Albuquerque

nasceu em Maceió, Alagoas, em 1987. Formado em Jornalismo, escreve sobre Cultura Alternativa no blog SIRVA-SE. Participou do Laboratório SESC de Criação e Expressão Literária. Lançou em 2016, o livro de estreia: Meu peito é um caminhão de mudança abarrotado com todas as lembranças que você deixou, pelo selo de Hardcore Carioca, Oxenti Records. No momento está fazendo uma série de entrevistas com escritores alagoano e você pode conferir no blog Margem Cultural no Medium. links: <https://medium.com/@margemcultural> || <https://www.instagram.com/margemculturalmcz>

luís Perdiz

é autor do livro Saudade mestiça (Editora Patuá, 2016). É poeta, compositor e editor do portal de literatura Poesia Primata (www.poesiaprimata.com), voltado para a degustação e difusão da poesia brasileira contemporânea. Faz parte do projeto musical autoral Estranhos no Ninho e publica regularmente em revistas de literatura e antologias, obtendo menção honrosa na 23ª edição do Programa Nascente USP. site/contato: www.luisperdiz.com.br

tito Leite

nasceu em Aurora/CE (1980). É poeta e monge, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Têm outras coletâneas publicadas nas revistas Mallarmagens, Germina e na portuguesa Triplov. Sendo, DIGITAIS DO CAOS, o seu primeiro livro.

lauro Heinsenbauer

é o nome artístico de Rafael Quintiniano da Silva Lopes (1983), SP. Publicou seu primeiro trabalho em 2012, " Sírius", de poesia. pela LPM Books. Escreve desde o Ensino Médio. Curte rock and roll no talo, blues e jazz . Hoje mora em Jacareí com a esposa e um cachorro. Apresenta seus poemas, colagens e fotografias no www.medusanacasadsespelhos.blogspot.com.br

karen Pimentel

nasceu e vive em Maceió desde 1995. Tem poemas publicados pelas edições #7 e #8 da revista Alagunas. Publica poemas através Facebook, Karen Pimentel, e disponibiliza seus textos no blog: <http://www.karendpimentel95.wix.com/blogdakaren>. E-mail: karendpimentel95@gmail.com

Gustavo Petter

reside em Araçatuba/SP. Tem poemas publicados nas revistas Alagunas #9 Gatilho, Diversos Afins, Escamandro, Germina, Mallarmargens e na Antologia 29 de abril: o verso da violência. Traduções de Roberto Bolaño na revista Escamandro e Leopoldo María Panero na Modo de Usar. Integra e exposição Poesia Agora atualmente em Salvador/BA. Mantém o blog agradaveldegradado.blogspot.com.br

Catia Cernov

escritora nômade, filósofa orgânica e produtora independente, vaga entre as cidades com suas poesias e também ficção científica. Autodidata, desertou á Academia, e mora num universo onde É permitido delirar. Tem 49 anos, 3 filhos, e mora em Florianopolis SC. Escreve, edita e imprime seus livros, pelo seu selo Cernov Produção Independente. Já publicou na Revista Caros Amigos e Revista Alagunas, tem premio internacional em Cabrália, Italia, Antologias do Sesc. Escreve nas estradas, viaja com seus livros entre Amazonia, Cerrado, Mata Atlantica e Pampas. Blog: Catiacernov9@blogspot.com

Raquel Gaio

nasceu e reside na cidade do Rio de Janeiro. Licenciada em Letras (UFRJ), atua nas áreas da poesia e artes visuais. Foi publicada em algumas revistas e portais como Enfermaria 6, Poesia Primata, Garupa, Literatura BR, Fanzine Poesia Espiral, Revista Saúva, Revista Raimundo, Usina, euOnça, entre outras. Leva uma vida anfíbia no Rio, mas estuda para ser pássaro. Sua poética pode ser vista no Instagram (@gaiovioleta) e no blog sensacaodevioleta.blogspot.com .

mariana Rodrigues

23 anos. Não escreve em blog: adepta do papel e lápis. facebook.com/marianarodriguesgomes

J. B. Ownolson

É haitiano, mas vive no Brasil. Desenhista e escultor, também escreve poemas. E sente falta da sua mãe e do seu pai. E-mail: ownolsonjeanbatiste@gmail.com

Ciriwelton Caetano

é um ser humano de vinte seis anos que tenta narrar as camadas do desequilíbrio. Trabalhos: "O Fim do Mundo", espetáculo teatral. Direção e Dramaturgia. 2011;"Rato", texto para teatro premiado pela SECULT/AL e publicado no livro "Novo Teatro", IOGR. 2015; Publicou em diversas coletâneas, no formato físico e digital. Contatos: irielton.c@gmail.com || facebook.com/irielton.caetano

sugestão
de leitura



O princípio da Revista Zona de Impacto [ISSN 1982-9108] é instigar a criação do conhecimento. Sua meta não é apenas informar ou divulgar ideias estabelecidas, tradicionalmente compreendidas como verdadeiras. É instaurar a criação no sentido mais profundo.

revistazonadeimpacto
.unir.br

Zona de Impacto

revista
de Criação
literária



MO
IN#10
HO